

Prefácio

Respeito pela paisagem, pela cidade e pela pessoa

GUILHERME OLIVEIRA MARTINS

Ao celebrarmos o centenário do nascimento do arquiteto Álvaro Ponce Dentinho, recordamos o seu elevado sentido de cidadania ativa na defesa integral do património cultural como valor na sociedade contemporânea, com respeito por uma ecologia integral, como preconizada pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*. Foi um ativo militante do Centro Nacional de Cultura, sócio n.º 15, ao lado de Gonçalo Ribeiro Telles, seu confrade de profissão e de ideais cívicos. Do seu vasto currículo fazem parte o estudo para a estrutura verde da cidade, no âmbito do Plano Diretor de Lisboa, realizado em conjunto com Caldeira Cabral e Ribeiro Telles, os trabalhos urbanísticos para os bairros de Olivais, de Chelas e de Marvila e para a encosta do Restelo, no âmbito do Gabinete de Estudos de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa.

Importa, porém, não esquecer ainda inúmeros e relevantes trabalhos e ensaios na arquitetura paisagista, em especial no tocante à articulação com o ordenamento do território. Essa preocupação levou-o, aliás, a integrar, em 1965, a equipa do Plano de Ordenamento do Algarve, com António Viana Barreto e Albano Castello Branco, num trabalho pioneiro baseado em métodos inovadores que são referência fundamental para as bases doutrinárias do ordenamento do território em Portugal.

Bateu-se sempre pelos ideais do desenvolvimento humano e da sustentabilidade contra as más práticas de uma explosão urbanística desenfreada e de descontrolo no ordenamento. Foi assistente de Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia e, na década de 70, participou nos congressos internacionais da International Federation Landscape Architects (IFLA), sendo nomeado secretário honorário.

São ainda de Álvaro Ponce Dentinho múltiplos projetos de paisagismo, de urbanismo e de ordenamento do território, tendo integrado a equipa técnica, coordenada pelo Eng. Mário de Azevedo, que elaborou o plano diretor para a cidade de

Lourenço Marques, no final dos anos 60. Enquanto profissional, via o desenho de projeto como desígnio, conjugando ciência, criatividade, rigor e imaginação. Viajou por todo o mundo para aprofundar conhecimentos na sua área. Com Henrique Barilaro Ruas e Gonçalo Ribeiro Telles, foi autor do primeiro programa partidário português, no Partido Popular Monárquico, com preocupações humanistas, ambientais e de ordenamento do território, colaborando no Governo quer com Gonçalo Ribeiro Telles, quer com Augusto Ferreira do Amaral.

A ecologia integral, que sempre defendeu, obriga a uma lógica de relação com as outras pessoas e com o mundo que assenta numa ética do cuidado e na cooperação e na reciprocidade. Recordar Álvaro Ponce Dentinho constitui, pois, um dever de elementar justiça, em nome dos valores ambientais e do desenvolvimento humano baseado na eminente e inalienável dignidade da pessoa humana.

1. Apresentação

MIGUEL, TOMAZ, RODRIGO, HENRIQUE, INÊS E JOSÉ PONCE DENTINHO

O presente *Caderno de Arquitetura Paisagista* edita e comenta cinco textos estruturantes do pensamento de Álvaro Santiago Ponce Dentinho (1924-2014) e dá a conhecer o resultado biográfico do seu trabalho, compilado por Teresa Bettencourt da Camara no capítulo 2, muito do qual foi feito em colaboração com outros paisagistas e planeadores do território.

Como indica Teresa Andresen no seu comentário ao Capítulo 5 – «A aptidão urbana segundo a exposição» –, trata-se de um «testemunho decisivo para compreendermos as bases científicas do pensamento e da intervenção da arquitetura paisagista portuguesa ao nível quer do projeto e do ordenamento do território quer da paisagem rural e da urbana e os respetivos reflexos sobre o quadro legal das políticas de ambiente em Portugal até à década de 1980».

Pode ter sido essa a consequência operacional mais relevante dos trabalhos iniciais de Álvaro Santiago Ponce Dentinho, quando usados como instrumentos técnicos de desenhos de ordenamento. No entanto, há mais para além da criação de um sistema técnico para desenhos de ordenamento: quando se liga ciência ao saber (João Ceregeiro); quando se arrisca avançar no tempo atendendo ao contexto social e territorial (Manuel Porto) das pessoas e dos sítios; quando se abre a análise ao desígnio exato e belo do uso, sem abuso ou subuso (Henrique Pereira dos Santos), revelado na perceção das escalas e dos tempos do transcendente, do metafísico, do surreal, do natural, do cultural, do estético, do poético, do cultural, do litúrgico e do lúdico; quando se grita contra os jardins do «giro-flé» e os riscos do «dá-me bem» (Carlos Correia Dias) que podem ser bonitinhos mas não são belos; quando a amizade na criação e a ética no serviço são a base da profissão (Teresa Andersen); quando se procura entender as interligações das escalas dos espaços, dos tempos e dos momentos (Miguel Braula Reis); ou quando se afirma o primado da liberdade e da eternidade (João Sousa Menezes).

Na verdade, essa dimensão de liberdade e de eternidade está lá: na vida profissional reportada no Capítulo 2, de alguma forma quartada pelo grito contra o

«giro-flé» e o «dá-me bem». No Capítulo 3, no texto sobre os atributos de cada objeto que se torna sujeito único e interativo do real. No Capítulo 4, não só desenhando a paisagem, nas infinitas combinações de ordenamento das vias que é possível desenhar combinando velocidades, portes, distâncias, objetos e intervalos, mas também desenhando a estrada partindo da paisagem como desejo que se entende no início do trabalho. No Capítulo 5, quando se assume que o ordenamento de cada sítio, feito em função das pessoas que o usam e dos sítios que as servem, é marcado pelas características biofísicas de clima, exposições, declives, festos, talvegues, mas também pela cultura que se acumula nos sítios pela paisagem criada pelas pessoas. No Capítulo 6, onde se louva a tecnologia no desígnio das pessoas dos sítios consubstanciado pela revolução biológica quinhentista. E no Capítulo 7, onde a liberdade e a eternidade são plasmadas em manifesto.

Faltaram alguns textos importantes que fundamentam as análises e as sistemáticas, mas muitos deles resultam da evolução da aplicação destes conceitos seminais aos trabalhos, muitos deles coletivos, indicados na biografia; e outros não houve oportunidade de os trabalhar, sobre toponímia, fronteiras, caixas de plantaço, aulas de Desenho... ou mesmo de recuperar e sistematizar o pensamento criado em tertúlias e cafés.

Pouco importa. O que importa é que continuemos a olhar e a ver a partir e para os nossos sítios e pessoas, como nos indica o poema de João Sousa Menezes de 16 de janeiro de 2011, muito provavelmente resultante das conversas e discussões com Álvaro Dentinho.

É o mar...!

É o mar... pois sim!
É o mar... pois não!
É o mar que temos...
... Aqui mesmo à mão!

É o mar falado em cada eleição...
É o mar calado passada a função...

É o mar... pois é...
... Nossa salvação!
É o mar... pois sim...
Europa é que não!

É o mar... pois não!
É o mar de vez!
É o mar que um dia
Já foi português...

É um mar de gente
Que não sabe olhar
Tem o mar em frente
E não vê o mar!

É o mar... é o mar... é o mar...
É o mar...